

CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE RELATO DE VIAGEM EM *ROBINSON CRUSOE*

Bianca Dorothea Batista (UFRJ)

biadbatista@gmail.com

Luciana Villas-Bôas (UFRJ)

1. *Introdução*

It is not easy for any one, who has not been in the like Condition, to describe or conceive the Consternation of Men in such Circumstance (Robinson Crusoe, 1719)

No romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe* (1719), o personagem foi capturado por mouros quando fora comercializar na costa da Guiné e em seguida tornara-se escravo do capitão do navio que o capturara. Crusoe e outro escravo, Xury, conseguem fugir e, depois de passarem por algumas aventuras numa costa não bem definida pelo narrador, são resgatados por um capitão português. Eles são levados ao Brasil, e Crusoe consegue fazer fortuna. Aquele que antes fora escravo de um mouro, agora se tornar senhor de engenho numa das capitânicas mais prósperas do Brasil.

A partir disso, questionamos o motivo pelo qual Daniel Defoe escreveu acerca de um inglês que consegue prosperar no Brasil uma vez que poderia ter escolhido outro lugar da América tão próspero e lucrativo quanto esta colônia portuguesa. A opção pelo Brasil indica não uma escolha casual de Defoe, mas consequência de uma grande quantidade de relatos, cartas, diários e mapas de comerciantes, piratas e cativos ingleses sobre o Brasil ou que mencionam passagem por terras brasileiras.

Todo o material textual e cartográfico que circulava na Europa demonstrava que a escrita se voltava para a nova realidade decorrente das Grandes Navegações. De acordo com De Certau (1982, p. 213), a descoberta do Novo Mundo induziu a um novo funcionamento da palavra e da escrita. Em virtude disso, não havia mais lugar na literatura para o romance de cavalaria com seus dragões, princesas e castelos que além de simbolizaram o antigo sistema feudal, em nada condiziam com um novo tempo econômico, político e literário instaurado na Europa.

Segundo Hulme e Youngs (2002, p. 4), a literatura da Era Moderna é marcada pela transição do romance de cavalaria para uma empreita-

da capitalista. Ian Watt (1962, p. 61), por sua vez, afirma que o capitalismo industrial e o protestantismo foram os dois principais fatores históricos a contribuírem para a organização política e econômica inglesa assim como para a sua estrutura literária. Watt também afirma que *Robinson Crusoe* (1719) fora o marco do surgimento de um novo gênero literário, romance, assim como simbolizava a nova classe econômica, a classe média. Villalta (2004, p. 10) acredita que este novo gênero distinguia-se do anterior devido a maior acessibilidade da sua linguagem para um público mais amplo e, sobretudo, pelo seu realismo formal e o não vínculo a uma padronização normativa. O romance caracterizava-se pela fidelidade a experiência individual, preocupação com a verdade e emprego de uma prosa objetiva que ofereça uma impressão de absoluta autenticidade como cartas e diários.

Ao narrar sua angústia e luta contra o mar bravo, o narrador-personagem, Robinson Crusoe, afirma que não seria fácil para alguém que não vivenciara tal situação descrevê-la (DEFOE, 1999, p. 44), ou seja, apenas aqueles que vivenciaram uma situação de naufrágio poderiam descrever com tanta riqueza de detalhes tudo o que ocorrera. A experiência de Crusoe confere credibilidade as suas palavras uma vez que o vivido cria uma atmosfera de realismo e este, por sua vez, é o lugar da verdade.

2. *Coletâneas*

A autopromoção tinha um peso estratégico decisivo no sentido de legitimar a posse sobre os colossais territórios ultramarinos (Gomes, 2009, p. 126)

As coletâneas de Richard Hakluyt, *The Principal Navigations* (1600) e de Samuel Purchas, *Purchas his Pilgrimes* (1625) compõem o grande patrimônio histórico inglês devido a rica compilação de cartas, diários, relatos, narrativas, depoimentos, testemunhos e mapas de ingleses que estiveram nas mais diversas partes do globo, confirmando, assim, a presença inglesa na era das Grandes Navegações. Segundo James A. Fraude no seu livro, *Essays in Literature and History* (1906), a coletânea de Hakluyt compõe a grande épica da nação inglesa, assim como *Os Lusíadas* para Portugal (VOIGT, 2009, p. 261).

A pretensão da Inglaterra de inserir-se no circuito marítimo como grande potência assim como Portugal e Espanha começou com o *corpus* documental das coletâneas acima citadas foram o marco da autopromo-

ção inglesa nas terras do Novo Mundo. Estes editores desempenharam um papel tão importante quanto o dos navegantes ingleses que trouxeram para Inglaterra informações e riquezas do Novo Mundo, pois eles documentaram todas as empreitadas inglesas, contribuindo, portanto, para a construção da identidade imperialista e expansionista da nação.

De acordo com Luciana Villas Bôas no artigo *Cativeiro e Autoria em Purchas His Pilgrimes* (Londres 1625) (2012, p. 74), um dos meios de romper com o monopólio ultramarino foi através de políticas propagandistas no seio do livro impresso, ou seja, o livro se torna palco de disputa de posse do Novo Mundo. As Coroas portuguesa e espanhola ditavam um sigilo acerca de todo material sobre as terras recém-descobertas para que ficassem longe do assédio de outras nações europeias. As políticas propagandistas presente nas coletâneas de Hakluyt e Purchas tinham como principal objetivo romper com o monopólio dos ibéricos.

Outra forma de autopromoção inglesa era através da maculação da imagem dos ibéricos. As narrativas e relatos de ingleses, em geral, descrevem um ótimo relacionamento com os colonos e indígenas e o seu auxílio militar a eles. Lane (1998, p. 49) afirma que corsários ingleses e franceses estabeleceram alianças com os negros fugitivos do Panamá (cimarrones) assim como auxiliavam indígenas em batalhas contra tribos inimigas. No livro de Hue, *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet* (1997), Knivet e alguns portugueses foram capturados por indígenas próximo ao rio Jaguari, em São Paulo. Ele conseguiu sobreviver ao canibalismo, pois afirmara que era francês enquanto os outros foram devorados pelos indígenas devido ao seu ódio aos portugueses que os escravizavam. Era mais agradável estar num ambiente desconhecido com índios canibais do que próximo da “crueldade sanguinária dos portugueses cristãos” (HUE, 2007, p. 89).

O marco da propaganda antiespanhola foi a tradução da obra de Bartolomé de las Casas, *Brevíssima História das Índias* (1552) para o inglês em 1583. Segundo Las Casas, a principal preocupação dos espanhóis não era a pregação da fé católica para os indígenas, mas a obtenção de ouro e metais preciosos à custa das mais horrendas formas de tortura e massacre de milhares de indígenas, compondo um verdadeiro genocídio. A relevância da obra de Las Casas decorre de seu testemunho acerca das atrocidades contra os índios que ocorreram em terras espanholas. A presença daquele que vivenciara os fatos narrados confere credibilidade a narrativa, pois descreve o vivido (HULME & YOUNGS, 2002), ou seja, a experiência daquele que viu/ouviu. As observações e experiências cri-

am um sentimento de veracidade e afastam qualquer semelhança à mentira ou ficção (DOMINGUES, 2008, p. 135).

Os relatos e narrativas inglesas assim como a maculação da imagem dos ibéricos não eram os únicos meios utilizados por Hakluyt e Purchas para autopromoção inglesa. Era necessário ter acesso aos diários e mapas dos portugueses e espanhóis para que pudessem também ter acesso ao ouro, metais preciosos, mercadorias, especiarias e as mais diversas riquezas que as terras do Novo Mundo ofereciam. Hakluyt e Purchas recorriam a outros textos estrangeiros na ausência de material, uma vez que importava que fossem documentadas as viagens da nação inglesa. A carência de material acerca de terras do Novo Mundo fez com que tivessem uma dependência de textos e discursos dos ibéricos.

Estes textos estrangeiros foram traduzidos para que se tornassem acessíveis aos leitores ingleses e estimulassem novas viagens. Voigt (2009, p. 293) denomina essa relação entre tradução e relatos como *travail e travel*, ou seja, o trabalho como a atuação dos editores quanto à tradução de relatos estrangeiros e compilação destes e das narrativas inglesas. A viagem, por sua vez, refere-se ao conhecimento proveniente destas expedições marítimas. Os editores Hakluyt e Purchas defendiam uma pirataria literal e textual uma vez que contribuía para a construção da identidade imperialista e anglicização da história dos descobrimentos.

No livro, *Smugglers, Pirates, and Privateers. The Elizabethans. Pillaging the Empire: piracy in the Americas, 1500-1750* (1998), Lane afirma que a atuação dos ingleses em terras ibéricas fora intenso durante o reinado de Elizabeth I (1558-1603), pois a rainha fora a grande patrocinadora de viagens inglesas de exploração e saques em terras ibéricas. Em virtude disso, os viajantes ingleses em especial os mais atuantes em empreitadas de cunho pirático, como Francis Drake, Thomas Cavendish e John Oxenham eram denominados de “piratas elizabetanos” (LANE, 1998, p. 42).

De acordo com Hue (2006, p. 12), as relações entre Inglaterra e Espanha estavam tensas não apenas pelos saques realizados em terras ibéricas, mas também por questões religiosas, catolicismo versus protestantismo, assim como por razões políticas devido ao apoio da Coroa inglesa a D. Antônio, prior de Castro a sucessão do trono português e o apoio aos países baixos contra o domínio espanhol. Esses fatores determinaram o envio por Felipe II em 8 de Agosto de 1588 de navios de guerra, A Invencível Armada, para ocuparem a Inglaterra. Contudo, o

grande marco do poderio bélico espanhol fora derrotado pelos ingleses, assegurando à Inglaterra o papel de soberana dos mares e inimiga em potencial.

3. *Romance*

The Editor believes the thing to be a just a history of fact; neither is there any appearance of fiction in it (Robinson Crusoe, 1719)

As cartas, relatos e narrativas acerca do Novo Mundo conseguiram uma ampla circulação não apenas por apresentar o desconhecido, ou como afirma Todorov, uma curiosidade acerca do outro e segurança da sua própria superioridade (1991, p. 104), mas principalmente por aderirem às exigências narrativas que determinavam sua recepção pelo público leitor. De acordo com Costa Lima (2009) o caráter factual é o elemento essencial para que as cartas e relatos de viagem servissem ao propósito de instruir assim como remeter ao momento vivido. A autenticidade das narrativas dependia não apenas da observação e experiência, mas de mecanismos de controle, ou seja, exigências discursivas que condicionavam a credibilidade das narrativas assim como sua recepção e circulação.

Paul de Man (1991, p. 50), por sua vez, afirma que a narrativa deve reportar à eventos reais e verificáveis que comprovem a factualidade do vivido. O leitor assume o papel de juiz encarregado de verificar a autenticidade das obras de forma a garantir que o autor respeitará o contrato estabelecido entre eles. No momento em que o autor do relato assume o papel de testemunha, ele sela um compromisso com a verdade e narratividade. Bicalho (2009) defende que os relatos de viagem possuem credibilidade, pois são narrados por àqueles que foram testemunhas dos eventos descritos. A narrativa de viagem possui um saber empírico que se constituiu a partir dos dados observados em sucessivas viagens. A acumulação de experiências induzia a uma acumulação de conhecimento. A cada nova observação e descoberta, o viajante atualizava seus conhecimentos.

O romance procurava atribuir autenticidade às suas narrativas. Essa credibilidade inerente à ideia de experiência relatada em primeira pessoa, induzia o leitor a não questionar a veracidade da narrativa assim como o conduzia a novos espaços e sociedades. Muitos romances apresentavam-se como autobiografias, negando assim, sua natureza ficcional. Esse status de veracidade presente nos romances possibilitava “não ferir aquela

fê histórica com que a ficção geralmente é lida” (COSTA LIMA, 2009, p. 198)

As viagens dos navegadores foram inseridas na literatura de forma a dialogar com esse novo cenário econômico e literário. Muitos dos relatos de viajantes que circulavam na Europa eram de marinheiros que não eram membros de destaque na classe média, ou seja, simbolizavam o “homem comum”. Assim, o leitor consegue interagir e se identificar com o romance, pois todo e qualquer leitor pode assumir o papel de viajante neste espaço imaginativo. A mobilidade física e geográfica presente no romance conduziu a uma mobilidade criativa/inventiva do leitor.

Os relatos de diferentes autores acerca de viagens ao Brasil assim como em outras terras além mar tinham grande importância para compor o corpus de empreitadas inglesas e conseqüentemente a consolidação da propaganda expansionista inglesa. Por mais que as narrativas e relatos apresentassem uma mesma realidade externa, experiência no Brasil, cada texto era singular, pois a experiência do sujeito é única e irrepêtil. A mesma escrita que interage com outras da mesma esfera literária e a que se singulariza.

No artigo “O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo” (2008), Domingues afirma que relatos de ingleses que estiveram no Brasil desempenham o papel de produtores de conhecimentos acerca do território brasileiro. Bicalho (2009, p. 10), por sua vez, afirma que os relatos e diários de bordo das expedições comerciais e científicas de médicos, botânicos, cartógrafos e comerciantes ingleses e franceses ao Brasil, em especial no Rio de Janeiro, incrementaram o conhecimento europeu acerca das riquezas e fragilidades da colônia portuguesa assim como possibilitaram um levantamento acerca da documentação estrangeira sobre a estrutura da sociedade colonial e medidas utilizadas pelos portugueses para inibir a presença de estrangeiros.

No artigo “Hans Staden e a História do Brasil Colonial” (2011, p. 20), Villas-Bôas afirma que a autobiografia de Staden fora a primeira obra publicada sobre o Brasil (1557). Este pioneirismo marcava a inserção de outros países europeus nas Américas, desafiando o domínio das Coroas portuguesa e espanhola que mantinham em sigilo informações sobre suas terras. A obra de Hans Staden adquirira grande notoriedade devido a sua posição de autor e testemunha do relato acerca do seu cativo entre os índios tupinambás e sua indianização.

Bicalho (2009, p. 12) também afirma que a intensa circulação de relatos acerca de ingleses e franceses no Brasil fez com que multiplicassem ofícios portugueses para que os navios estrangeiros fossem tratados com mais austeridade. Esta medida tentava conter a total liberdade com que estes comerciantes e viajantes comercializavam com nativos e colonos. Para confirmar tal assertiva, menciona cartas de autoridades brasileiras, como a do governador do Rio de Janeiro, Artur De Sá e Meneses, presente no Arquivo Histórico Ultramarino (RJ) que menciona a presença e assédio de ingleses e franceses.

Hue (2006, p. 13) afirma que diferentes narrativas de viajantes, corsários, piratas, cativos e comerciantes ingleses nas coletâneas de Richard Hakluyt, *The Principal Navigations* (1600) e de Samuel Purchas, *Purchas his Pilgrimes* (1625) compõem um amplo material textual acerca das características geográficas, econômicas, sociais do Brasil colonial. No livro, *Brazil by British and Irish Authors* (2003, p. 30), Leslie Bethell afirma que os relatos “ilegais” de viajantes ingleses e irlandeses que estiveram no Brasil durante o século XVI, XVII, XVIII e XIX contribuíram para uma fortuna textual acerca do Brasil colonial assim como forneceram subsídios para que Robert Southley escrevesse três volumes sobre o Brasil, *History of Brazil* (1810, 1817 e 1819) sem que nunca tivesse viajado ao Brasil antes.

A circulação de um *corpus* textual acerca do Brasil através das coletâneas de viagem de Hakluyt e Purchas possibilitaram a Robert Southley escrever sobre o Brasil, *History of Brasil* (1810, 1817 e 1819) assim como serviu de cenário para a aventura do personagem Robinson Crusoe que enriqueceu como senhor de engenho no Brasil e pretendia lucrar através do comércio de produtos manufaturados devido a carência da colônia (DEFOE, 1999, p. 39). Experiência semelhante à de John Withall presente na sua carta a Richard Staper. *A letter written to M. Richard Staper by John Whithal from Santos in Brasil, the 26. of June 1578.* (HAKLUYT, 1600, p. 884)

Desta forma, os diários, cartas, testemunhos, narrativas e mapas quando postos em circulação, possibilitaram a formação de novos textos que dialogavam com os primeiros, ou seja, essa literatura de viagem assumiu um papel de instaurador discursivo (FOUCAULT, 1992, p. 20). Assim, essas narrativas de viagem influenciaram a obra de Daniel Defoe,

Robinson Crusoe (1719) e esta, por sua vez, desencadeou o surgimento das robinsonadas³⁶

Costa Lima (2009, p. 300) também afirma que exaltação da verdade e repúdio à ficção eram os elementos essenciais para identidade factual do romance, ou seja, o estatuto de real dependia de uma semelhança textual com os relatos de viagem. Desta forma, os elementos míticos e imaginários eram completamente reprimidos e considerados relatos ficcionais. A afirmação deste novo gênero literário, romance, fez com que surgisse a distinção entre *novel* (romance) e *romance* (relato ficcional/romance de cavalaria).

Para conseguir negar sua ficcionalidade, era necessário que o romance se assemelhasse a forma e conteúdo dos relatos de viagem vigente. Essa semelhança precisava ser notada no primeiro contato entre o leitor e o livro, ou seja, antes de iniciar a leitura do texto, o leitor já é convencido acerca do caráter verídico da obra através dos paratextos, elementos que antecedem o texto como capa, página de rosto, nome do autor, título, prefácio e ilustrações. Segundo Genette (2009, p. 9), os textos em geral não se apresentam em estado nu, mas sim acompanhados de elementos verbais e não verbais que mediam a relação entre o texto e leitor, ou seja, elementos que circundam o texto e compõem sua força discursiva de forma a criar uma expectativa de interpretação e fornecer informações que condicionam a leitura do texto. Os paratextos em conjunto com o texto compõem o livro (conferir anexo).

4. Conclusão

As coletâneas de relatos de viagem *The Principall Navigations* (1600) e *Purchas his Pilgrimes* (1625) inserem o Brasil como parte do patrimônio histórico inglês. Estas coletâneas assim como os relatos de outros europeus demonstram que a circulação de cartas, diários, mapas e relatos acerca do Novo Mundo fugiam do controle da Coroa portuguesa e espanhola e com isso, o Brasil e todo continente em si, passaram a fazer

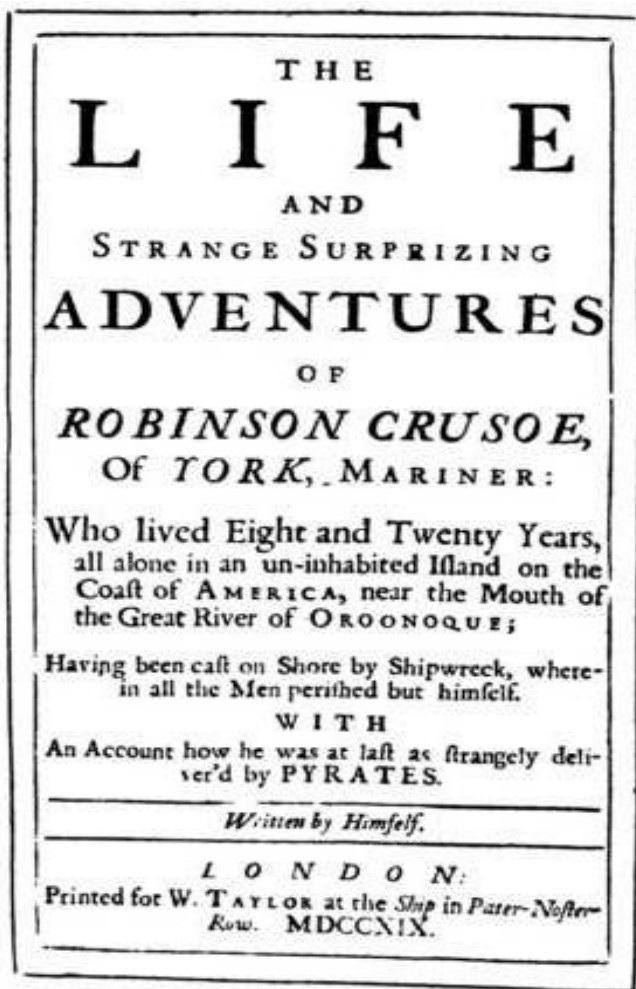
³⁶ Essas obras caracterizam-se por abordar o mito da ilha denominada pelo autor de mito da expansão. Os personagens após sofrerem naufrágio sobrevivem numa ilha deserta, onde passam por diversas aventuras, com a presença de animais selvagens e indígenas. Os personagens conseguem sobreviver, pois urbanizam o ambiente inóspito através do trabalho e engenho e vencem/cristianizam o selvagem. Essas aventuras se relacionam a expansão imperialista assim como nacionalismo associado a ciência moderna e capitalismo, conferir em Green, Martin, *The Robinson Crusoe Story* (1927)

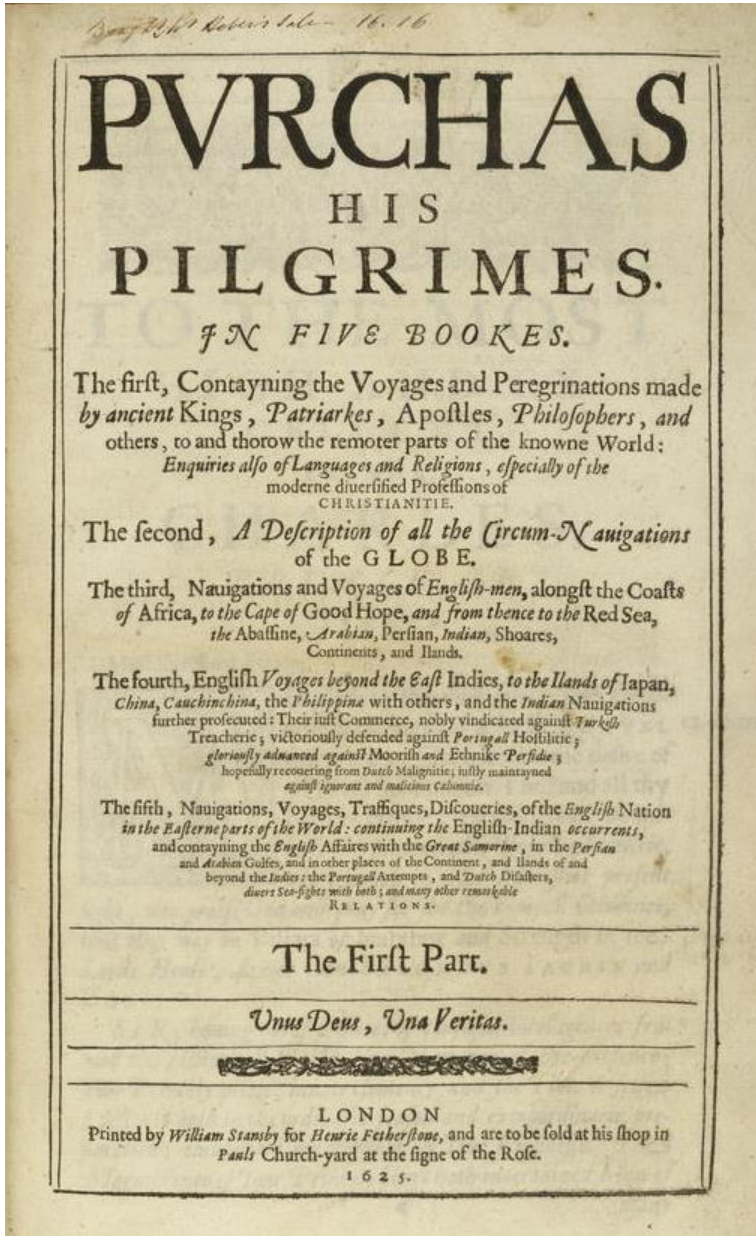
parte da dinâmica econômica, social, literária e editorial da Europa. Esta literatura de viagem desencadeou um novo gênero literário, o romance.

O romance imitava a forma e conteúdo dos relatos de viagem para conseguir negar sua ficcionalidade e confirmar sua autenticidade. Tanto o romance quanto as cartas de viajantes precisavam ter a verdade como substância, uma vez que a veracidade está na realidade e a realidade é o espaço que contém a verdade. Desta forma, a ficção é mentira, fábula e “uma doença para a mente”.

O corpus textual de experiências em terras do Novo Mundo formou uma rica literatura de viagem que influenciou não apenas a esfera econômica, política e editorial, mas também o surgimento de um novo gênero que teve *Robinson Crusoe* (1719) como seu marco. A estadia de Crusoe no Brasil permite um “retorno às origens”, ou seja, uma relação com outros relatos de ingleses no Brasil. Numa atmosfera heterogênea de vozes sociais e socioideológicas, os relatos de viagens e romance circulavam e interagem num diálogo infinito. Assim, as fronteiras entre ficção e real, ou seja, romance e relatos de viagem tornaram-se indefinidas.

5. Anexos







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICALHO, Maria Fernanda. Diários de bordo, expedições científicas e narrativas de viagens: observações, descrições e representações do Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII). *Navigator* 10, vol. 5, 2009, p. 9-22.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1982.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História*, vol. 28, n° 55, p. 133-152, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

FROUDE, James. *Essays in Literature and History*. Disponível em: <<http://archive.org/details/essaysinliterat00frou>>. Acesso em: 04-02-2013.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad.: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

GOMES, Plínio. Volta ao mundo por ouvir-dizer: Redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 17, n. 1, p. 133-135, 2009.

GREEN, Martin. *The Robinson Crusoe story*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1927.

GUSDORF, Georges. Condiciones y Limites de Autobiografía. In: LOUREIRO, Ángel. *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Anthropos, 1991.

HAKLUYT, Richard. A letter written to M. Richard Stapers by John Whithall from Brasill, in Santos the 26 of June 1578. The Principal Navigations, 1600. Disponível em: <<http://www.canadiana.org/view/33130/0252>>. Acesso em: 3-05-2011.

HUE, Sheila. *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Kniver*: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens. Trad.: Vivien Kogut Lessa de Sá. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Ingleses no Brasil: relatos de viagem 1526-1608. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 126 (2006). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2006.

HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LANE, Kris. *Pillaging the Empire: Piracy in the Americas, 1500-1750*. New York: Sharpe, 1967.

LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico*. Trad.: Jovita Noranha e Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LAS CASAS, Bartolomé. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Porto Alegre: L&Pm, 2012.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

MAN, Paul. La autobiografía como desfiguración. *Suplemento Antropos*, n. 29, 1991.

MCKEON, Michael. Generic Transformation and Social Change: Rethinking the rise of the novel. *Cultural Critique*, n. 1, p. 1-31. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.

_____. *The origins of the english novel 1600-1740*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1943.

RUBIÉS, Joan-Pau. Travel Writing as a Genre. Facts, Fictions and the Invention of a Scientific Discourse in Early Modern Period. *Journeys*, vol. 1, p. 1-31, 2010.

TODOROV, Tzvetan. Ficções e verdades. In: _____. *As morais da história*. Trad.: Helen Ramos. Portugal: Europa-América, 1991.

VILLALTA, Luiz. Robinson Crusoe de Daniel Defoe: da sua circulação no mundo luso-brasileiro ao seu diálogo com o devir histórico. In: *I Seminário sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: UFF/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 1-27.

VILLAS-BOÂS, Luciana. Cativo e autoria em *Purchas His Pilgrimes* (Londres 1625). *Convergência Lusítada*, n. 27, p. 73-82, 2012.

_____. O livro de Hans Staden e a história do Brasil Colonial. *Ciência Hoje*, vol. 48, p. 20-25, 2011.

VOIGT, Lisa. *Writing Captivity in the Early Modern Atlantic*. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2009.

WATT, Ian. *The Rise of the Novel Studies in Defoe, Richardson and Fielding*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1962.

WOODMANSEE, Martha. *The Author, Art, and the Market*. Rereading the History of Aesthetics. New York: Columbia University. 1994.

_____; JASKI, P. *The Construction of Authorship: Textual Appropriation in Law and Literature*. Durham: Duke University Press, 1994.

YVANCOS, José Maria Pozuelo. *De la autobiografía*. Teoría e estilos. Barcelona: Crítica, 2006.